

# O saber local da cultura e da natureza nas narrativas biorregionais do Quilombo Mata Cavalo

The local knowledge of the culture and nature in the biorregionals narratives of the Mata Cavalo slave descendent community

Samuel Borges de Oliveira Júnior<sup>1</sup>

Michèle Sato<sup>2</sup>

## Resumo

O objetivo desta pesquisa busca o reconhecimento da diversidade cultural e biológica, por meio do conhecimento vinculado à avifauna local, dos moradores da comunidade quilombola de Mata Cavalo. Os campos conceituais do Biorregionalismo e da Etnoecologia são os alicerces que dialogam com a educação ambiental. Os relatos obtidos demonstram uma parte do conhecimento local dessa comunidade. Esse conhecimento deve ser valorizado e preservado para que as futuras gerações possam se saborear com os encantos de uma comunidade local e das suas relações com o ambiente ao qual estão envolvidos.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Conhecimento local. Comunidade Quilombola.

## Abstract

This research aims the recognition of the cultural and biological diversity, through the knowledge about regional avifauna of the inhabitants of the Mata Cavalo slave descendant community ("quilombola"). The Biorregionalism and the Ethnoecology are the two dimensions which celebrate the dialogue with environmental education. The local narratives tell us that this local knowledge must be valorized and be preserved so that the future generations can be degusted with the enchantments of a local community and its relations with the environment which are involved.

**Keywords:** Environmental Education. Local knowledge. Black slave descendant community.

---

1 Biólogo, Mestre em educação e Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais/UFSCar. E-Mail: <samukajr@gmail.com>. Rua Itália, quadra 05, casa 06, n. 455, Jardim Europa, Cuiabá/MT, 78.065-428. Brasil.

2 Docente e pesquisadora do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Endereço Profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, s/n. Coxipó, Cuiabá, MT, Brasil. E-Mail: <michelesato@ufmt.br>.

Em diversos estudos realizados, foi documentado que as populações locais apresentam um conhecimento refinado do ambiente no qual estão inseridos. Infelizmente, o legado da Modernidade fez com que uma parcela considerável das pesquisas acadêmicas excluísse o conhecimento proveniente dessas populações, quando são tratados assuntos de cunho conservacionista, corroborando com a não aceitação dessa forma de expressão sobre o ambiente.

Ao excluirmos tais conhecimentos populares dos processos que envolvam garantia a conservação da biodiversidade existente, corremos o risco de criar uma fórmula ineficiente e danosa, além, é claro, de não respeitarmos o ambiente em que essas comunidades podem estar inseridas há muito tempo. Uma armadilha é urdida na própria teia da terra, carregada pela ausência de diálogos de saberes sobre a complexidade do mundo, na hierarquia perversa da exclusão social e da arrogância científica em menosprezar outros saberes.

Incluída num sistema competitivo, a universidade está em face da orientação neoliberal, abrindo mais o abismo das diferenças sociais e do medo de publicar algo que possa ser considerado como “não-científico”, ou não comprovado em termos do rigor de leis, paradigmas e padrões estabelecidos pela Modernidade.

Desta forma, várias ações são necessárias para que haja a valorização desse conhecimento. Entre elas, o projeto intitulado *Territorialidade e temporalidade da comunidade Quilombola Mata Cavallo*, que tem como objetivo principal conhecer e compreender a comunidade quilombola de Mata Cavallo, pertencente ao município de Nossa Senhora do Livramento-MT, registrando e valorizando seus hábitos, culturas e modos de vida, suas expressões artístico-culturais, suas relações de gênero, sua espiritualidade, seus saberes e tentando trazer a Educação Ambiental como uma das possibilidades para melhorar as condições de vida da biorregião, no marco dos cuidados ecológicos e na aliança indissociável da natureza e da cultura.

Este trabalho é um dos subtópicos de um projeto mais amplo e tem como objetivo o reconhecimento da diversidade cultural e biológica, por meio do conhecimento e imaginário vinculados à avifauna, dos moradores da comunidade de Mata Cavallo enquanto potencialidade para a transmissão desse conhecimento local, como forma válida de aprendizagem para outras pessoas, tentando demonstrar também que esse conhecimento está vinculado à inserção dos moradores no ambiente e que isso pode ser uma peça fundamental à conservação dos ambientes, sejam naturais ou culturais.

Esta investigação está ancorada no método da pesquisa qualitativa, considerada como o estudo do fenômeno em seu acontecer natural, defendendo uma visão holística dos fenômenos, ou seja, levando em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas, sendo uma abordagem de pesquisa que tem suas raízes na fenomenologia (ANDRÉ, 1995).

A opção metodológica consiste no inter-relacionamento entre o Biorregionalismo e a Etnoecologia, ambos ancorados na Fenomenologia que, conforme André (1995, p. 18), “ênfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária.” A fenomenologia não busca explicações padronizantes ao mundo, desde que considera que não há modelos que possam ser replicados em contextos diferenciados. Em especial, na pesquisa em etnoecologia, a cultura é uma dimensão local que dificilmente consegue ser simplesmente transportada geograficamente, pois clama por considerações históricas e identitárias que torna o “local da cultura” (BHABHA, 1998).

História e geografia, na tessitura biológica e cultural apresentam-se no Biorregionalismo, que pode ser considerado como a tentativa de restabelecer uma conexão entre as comunidades humanas de uma determinada região com seu ambiente natural. A visão biorregional nos permite contemplar o local, o que está próximo e não apenas uma noção abstrata de lugar, ou seja, as particularidades de determinadas áreas. Ao recuperarmos a história de um determinado lugar, é possível desenvolver as relações entre a comunidade e o ambiente biofísico que ela habita. Além da proximidade com a terra, a visão biorregional apregoa o desenvolvimento de valores comunitários de cooperação, solidariedade e reciprocidade. De acordo com a visão biorregional, se o indivíduo estiver vivendo mais próximo da terra, com certeza ele também desenvolverá uma relação mais próxima com a comunidade (GRÜN, 2002; SATO & PASSOS, 2002).

A opção filosófica do biorregionalismo consiste em tentar perceber um local da cultura em suas dimensões geográficas e biológicas, inscritas na constituição histórica dos sujeitos (SATO, 2005). Ou seja, ao tentarmos realizar um trabalho com as comunidades, devemos estar cientes da necessidade de conhecermos quais são suas particularidades. Elas podem ser reconhecidas por meio de várias linguagens, como o silêncio, os gestos, a face buscando a memória, ou, mais adequadamente, no instrumento investigativo, por meio das narrativas de seus moradores, que nos aproximam da realidade destas pessoas, numa troca constante de informações sobre sua cultura e seus hábitos (OLIVEIRA JÚNIOR, 2005).

Conhecer a tradição também é fundamental, pois cada lugar tem uma história de como as possibilidades humanas e naturais da região foram exploradas. Muitas dessas histórias podem ser resgatadas por meio da tradição oral e do conhecimento mítico. Não se trata de voltarmos a viver como os antigos, mas de recuperar histórica e antropológicamente um pouco da sabedoria das culturas anteriores. As narrativas evocam a memória e o intradiscurso identitário, permitindo aclarar fatos, fenômenos, experiências que se entrelaçam no local, num jogo de cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social (GRÜN, 2002; JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002).

Uma das características principais do biorregionalismo é que o indivíduo desenvolva uma identificação plena com o lugar que habita. Mas, ao se trabalhar com este campo conceitual e praxiológico, é importante conhecer a forma axiomática de atuação junto às comunidades pesquisadas, para não correr o risco de condenar a pesquisa, pois,

[...] a identificação com um determinado lugar, tomado como o ‘lar’, pode chegar a tal ponto que estrangeiros ou pessoas não nativas daquele lugar sejam mal vistas e até mesmo consideradas como inimigas. A identificação exacerbada pode levar a uma situação em que um indivíduo acredite que ele sim ‘pertence’ aquele lugar, mas os outros, seus vizinhos em outra região não pertencem. (GRÜN, 2002, p. 95).

Parte desse etnocentrismo exacerbado serve como forma de manter a identidade das comunidades, porém, o convívio pode levar à aceitação pela comunidade, desde que sejam respeitadas as características particulares das populações. Numa pesquisa, na qual privilegiamos a teoria biorregional, temos que ser transparentes em relação a todas as fases do trabalho com a comunidade e, acima de tudo, deve-se respeitar o modo de ser e agir das pessoas, evitando forçá-las apenas a responder o que queremos:

O maior problema com que se defronta qualquer investigador – inclusive antropólogos experimentados – ao lidarem com outras culturas é impor, inadvertidamente, suas próprias idéias e categorias culturais a seus ‘informantes’ ou ‘consultores culturais’. Formas não-verbais de comunicação – tais como reações de descrença, desagrado ou reprovação – prejudicam ou limitam a aquisição de dados por parte do pesquisador. (POSEY, 1987, p. 23).

Para Diegues & Arruda (2001), entre os enfoques que mais têm contribuído para o estudo das populações biorregionais está a etnociência, que parte da lingüística para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano no ambiente ao qual está inserido. A etnociência pode ser definida, segundo Marques (2002, p. 33), como “o campo de cruzamento de saberes” e que “tem evoluído através de um diálogo frutífero entre as ciências naturais e as ciências humanas e sociais” sendo que esse entrecruzamento ocorre entre a Antropologia e a Biologia. A etnociência apresenta vários ramos em que o conhecimento das populações biorregionais é considerado importante para a conservação”. Entre eles podemos destacar a etnobiologia e uma de suas especialidades, a etnoecologia.

A etnobiologia é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo natural e das espécies; é o estudo

do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do ser humano a determinados ambientes, enfatizando as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. O conhecimento dos povos tradicionais (indígenas e não-indígenas) não se enquadra em categorias e subdivisões precisamente definidas, como as categorias que a biologia tenta, de modo artificial, organizar (POSEY, 1987; DIEGUES & ARRUDA, 2001).

Esse tipo de ciência começou investigando os conceitos e relacionamentos estabelecidos pelos grupos indígenas dentro e entre as categorias cognitivas. Uma vez descobertas as categorias indígenas definidoras de fenômenos naturais, os especialistas de diversos campos científicos puderam dar início à coleta de dados referente às suas respectivas especialidades, tais como: etnoentomologia, etnobotânica, etnofarmacologia, etnoecologia e assim por diante (POSEY, 1987).

Apesar de nem todas as crenças e conhecimentos de fenômenos naturais da cultura em estudo coincidam com a ciência ocidental, os dados devem ser registrados em sua totalidade. Essa preocupação no registro dos dados é relevante, pois, alguns conceitos podem gerar novas hipóteses a serem testadas; mesmo as idéias que não serão interpretadas devem ser arquivadas; algumas crenças, por mais que não seja comprovada sua veracidade, podem vir a demonstrar seu papel de mecanismo social para regular o consumo de alimentos ou para a manutenção do equilíbrio ecológico (POSEY, 1987).

Segundo Souza et al (2002, p. 161), “o estudo da classificação etnobiológica é de grande importância para entender e compreender a biodiversidade local, como também investigar a universalidade da capacidade humana de classificar o seu mundo biológico”. Por ser um campo relativamente novo da ciência, a etnobiologia ainda está construindo seu método e sua teoria a respeito da maneira como os povos classificam os seres vivos, seu ambiente físico e natural.

A etnoecologia enfatiza a expressão cultural de uma comunidade acerca de sua compreensão sobre o mundo biológico, ou seja, a interação que as populações biorregionais possuem com seu ambiente natural. Para Toledo (1991, p. 4-5), “a etnoecologia é a área encarregada de estudar a parte do conhecimento tradicional sobre a natureza” e ela “concentra-se no estudo dos saberes e habilidades tradicionais relativos ao manejo dos recursos naturais.”

Etnoecologia é o campo de pesquisa (científica) transdisciplinar que estuda os pensamentos (conhecimentos e crenças), sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas que os possuem e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos ambientais daí decorrentes. (MARQUES, 2001, p. 16).

Sempre foi reconhecida a necessidade de intercambiar experiências com os conhecimentos e as práticas tradicionais, de estimular e incrementar a participação ativa das populações indígenas ou autóctones na formulação de políticas, leis e programas de manejo, tanto no plano local, como no âmbito nacional. Podemos destacar entre as várias ações propostas para a consecução destes objetivos, a incorporação do “modo de olhar e agir” de culturas tradicionais, considerando-se que o significado prático do conhecimento tradicional possa ser traduzido em informação biológica, raciocínio ecológico e manejo de recursos (NORDI et al. 2001).

Conforme Pedroso Júnior (2002, p. 10), os estudos etnoecológicos têm buscado conciliar a conservação dos ecossistemas com o desenvolvimento socioeconômico e a melhoria da qualidade de vida das parcelas menos favorecidas de nossa população e, segundo Nordi et al. (2001, p. 133), “a etnoecologia tem a função de desvendar, compreender e sistematizar, cientificamente, todo um conjunto de teorias e práticas relativas ao ambiente, oriundas de experimentação empírica do mesmo por culturas tradicionais, indígenas ou autóctones.”

Os estudos etnoecológicos devem ser norteados por duas premissas: uma de caráter filosófico ou ideológico e outra, intrinsecamente relacionada, de caráter prático. A primeira trata da promoção do respeito à diversidade cultural, eliminando posturas etnocêntricas. A segunda diz respeito à utilização de práticas tradicionais como exemplos de sustentabilidade não excludente (NORDI et al, 2001).

## O local da cultura e natureza

A Sesmaria Boa Vida Quilombo Mata Cavalo, ou apenas Mata Cavalo está localizada no município de Nossa Senhora do Livramento, no estado de Mato Grosso, e é composta por seis localidades: Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Aguaçu, Mutuca, Ponte da Estiva e Capim Verde, totalizando uma área de 14.722 hectares, a 40 km de distância da capital do Estado, Cuiabá. A agricultura é de subsistência, prática antiga na comunidade, sendo os principais produtos: banana, mandioca, milho, arroz, batata-doce, cana-de-açúcar, melancia, feijão, entre outras.

Além dessa produção individual, existem cinco roças comunitárias que ficam nas localidades de Mata Cavalo de Baixo e Ponte da Estiva, sendo que cada uma dessas roças é de responsabilidade de 10 famílias, onde são plantados abacaxi, mandioca, banana, abóbora e melancia, que tem destino certo nas feiras das cidades ao redor da comunidade.

A comunidade possui duas unidades escolares, a Escola Municipal São Benedito, onde funcionam o ensino fundamental, da primeira a quarta série, no período da manhã, e o EJA (ensino de jovens e adultos) de noite, e a Escola Estadual

Rosa Domingos, onde funciona da Educação Infantil até o Ensino Médio. É uma comunidade de resistência fortíssima contra as adversidades impostas por aqueles que pensam que podem tudo. Em Mata Cavalo são tradicionais as festas típicas da Baixada Cuiabana, como as de São Gonçalo e de São Benedito (padroeiro da comunidade). Nelas ocorrem apresentações de danças folclóricas, como siriri, cururu, congo e a dança de São Gonçalo.

Infelizmente, tais expressões culturais estão ameaçadas, primeiramente, pelo modelo neoliberal que instituiu um padrão hegemônico universal, mas no caso específico de Mata Cavalo, principalmente, porque suas terras ainda não foram legalizadas e a luta étnica ainda é uma luta constante. Os moradores estão sofrendo com a pressão e invasão por parte de fazendeiros, que querem tomar suas terras, sendo que as mesmas são de propriedade dos quilombolas remanescentes. Essa pressão influencia na perda de suas roças (muitas são destruídas) e na perda da cultura local, o que, conseqüentemente, irá influenciar na conservação do ambiente e da própria biodiversidade local.

## A aventura científica na biorregião

O roteiro da entrevista não obedeceu ao critério de perguntas pré-estabelecidas, entretanto, permaneceu no contexto das perguntas semi-estruturadas, já que na conversa informal com os moradores de Mata Cavalo houve intencionalidade de conhecer suas percepções socioambientais. De maneira muito informal, procuramos saber sobre o modo de vida deles, como percebem o ambiente ao qual estão inseridos, quais problemas que existem na comunidade, quais alternativas podem ser utilizadas para sanar estes problemas e qual a percepção que eles têm sobre as aves existentes no entorno e na própria comunidade.

Por meio dessas entrevistas foi possível constatar que a comunidade é rica em cultura e beleza, rica em simplicidade e complexidade. Essa riqueza cultural está expressa em suas lutas, seus desejos, suas festas e no conhecimento do ambiente ao qual estão inseridos, conhecimento que pode ser constatado nos relatos obtidos nas entrevistas, durante as quais, qualquer pássaro que passava era motivo de algum destaque pelos moradores:

*Olha, essa aí que passou é uma maritaca, toda verde.* (se referindo à um psitacédeo típico da região).

*Esse passarinho é danado, vive gritando.* (se referindo ao bem-te-vi).

*Olha, essa sabiá canta muito de manhã. Anima quem tá triste.* (se referindo ao sabiá-laranjeira).

A percepção que os moradores possuem sobre as aves é muito forte. Foi possível constatar também outras atribuições à avifauna:

*Em época de reprodução dos papagaios, a gurizada cata os filhotes para usar como xerimbabo. (utilização como animal de estimação).*

*Eu só cacei passarinho duas vezes, quando era pequeno. Mas nunca mais cacei. Eu gosto mesmo é de ouvir os assobios deles. (utilização como alimento/espécie a ser contemplada).*

Esta interação com a avifauna demonstra a necessidade do resgate desse conhecimento local, de extrema relevância quando queremos trabalhar políticas públicas conservacionistas em comunidades locais, numa demonstração de que as pessoas que não freqüentaram a escola também têm seu conhecimento e que o mesmo jamais deve ser descartado pelas instâncias acadêmicas. Deve, contrariamente, ser resgatado e as comunidades não devem parar de transmiti-los às novas gerações, pois somente conhecendo o ambiente é que se irá conhecer sua importância e lutar por ele.

Diversas áreas do saber têm a responsabilidade de reconhecer os saberes populares. Eloqüentemente, a educação ambiental é uma destas vias extraordinárias de acolhimento. Na Terra que apresenta mundos tão desiguais, se a bandeira ecologista visa a conservação da diversidade biológica, a luta etnográfica será ousar a necessidade de se conviver com as diferenças culturais. Entre tentativas e erros, ainda que tateando no mundo acadêmico, a educação ambiental ainda se coloca enquanto tentativa de conciliar estes saberes, provocando a dinâmica pedagógica de aliar conhecimentos locais e universais, de valorizar o saber regional sem se despedir dos valores das ciências, sendo este espaço híbrido muitas vezes incompreendido. Entretanto, somente o risco dessa aventura intelectual possibilitará à Educação Ambiental sua construção diferenciada na ruptura da rigidez hierárquica imposta pelas ciências tradicionais (OLIVEIRA JÚNIOR, 2005, p. 62).

Em relação à diferença cultural, é de suma importância que a valorizemos, pois, seu objetivo maior, segundo Bhabha (1998, p. 228), “é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição da significação da minoria, que resiste à totalização”, que pulsa no germe identitário do local com suas dimensões políticas e histórias de vida, entre suas narrações e Nações.

Os moradores lutam por seu espaço e essa luta ajuda nas causas ambientais, pois as comunidades locais têm papel fundamental na conservação desses ambientes, o que se percebe nos conceitos da Justiça Ambiental que, segundo Acserald (2005, p. 219) “resulta de uma apropriação singular da temática do meio ambiente por dinâmicas sociopolíticas tradicionalmente envolvidas com a construção da justiça social em



sentido amplo.” Ou seja, por meio da luta pelas terras, os moradores de Mata Cavalo tentam manter um modo de vida onde é possível viver bem e manter o ambiente, o que leva à conservação das diversidades biológica e cultural dessa biorregião.

Posto numa outra perspectiva, a pesquisa etnográfica quer estabelecer a ponte entre os diferentes conhecimentos, enfatizando o talento popular dos moradores de Mata Cavalo, que por meio de seus próprios signos, e mitos conhecem o local e dele tiram seu sustento. Inscrita na abrangência da Justiça Ambiental, a pesquisa desvela a necessidade de os habitantes terem opção de escolhas, ajustando seus modos de vidas na autonomia da gestão de seus próprios ambientes. Consideramos que na ausência da equidade social, a luta pela diversidade biológica não difere da teimosa luta de se explicitar as diferenças culturais. No campo das chamadas ciências pós-modernas, a identidade quilombola oferece o tempero de um ambiente a ser transformado e, simultaneamente, também os transformam.

É óbvio que a formulação de políticas públicas é um mote ainda distante e que as pesquisas precisam renovar suas estruturas científicas para não somente divulgar seus produtos, mas, sobremaneira, possibilitar a audiência social das descobertas. Especificamente no tocante às políticas ambientais, será preciso ter a coragem de ouvir as diversas vozes comunitárias, pois estas são capazes de contribuir significativamente nos saberes entre cultura e natureza. Há poucas concordâncias para se estabelecer qual a melhor proposta política a ser adotada para que a sociedade e não apenas o público instruído, ou os líderes políticos percebam e enfrentem os problemas ambientais. Provavelmente, a principal razão é a insuficiência do conhecimento ecológico, desde que o mesmo torna o ator social como sujeito histórico e não meramente como objeto da ação educativa.

Compreender a maneira como as identidades projetam-se nos territórios cotidianos, entrelaçadas no bojo da dinâmica socioambiental coletiva, pode ser um indicativo social e antropológico que corrobora com a necessidade de aliar cultura e natureza à formação de políticas públicas. Cada biorregião possui sua identidade, características biomorfológicas, constituição geográfica e identidade cultural, além de impactos e conflitos socioambientais peculiares. Vale ressaltar de que a epistemologia das ciências é uma dimensão significativa, porém não a única existente para que o ciclo filosófico não permaneça limitado, mas que, sobremaneira, seja inclusivo em acolher outras dimensões, como universos significativos de propostas que garantam a visão complexa da cultura e natureza.

Assim como Mata Cavalo, diversos outros grupos sociais parecem estar invisíveis como um conjunto vazio. Entretanto, assim como o vazio nunca é desprovido de nada, estas comunidades necessitam ser mais visíveis para a inclusão social e manutenção de saberes tradicionalmente construídos. Trabalhar com o conhecimento local torna-se então, uma bandeira de luta, pois quem mais está apto

a demonstrar o uso sustentável do ambiente natural senão as populações locais, que estão inseridas há décadas ou até mesmo há centenas de anos nesses ambientes? É necessário também, repensarmos tudo o que se tem feito para a conservação dessas populações e de seu conhecimento. Só assim poderemos alcançar nosso objetivo de conservar nosso ambiente biológico e a cultura destas populações.

## Referências

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental: narrativas de resistência ao risco social ampliado. In: FERRARO JUNIOR, Luiz A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. MMA: Brasília, 2005, p. 219-228.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995, 130p.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998, 395p.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA. São Paulo: USP, 2001, 176p.

GRÜN, Mauro. Hermenêutica, biorregionalismo e educação ambiental. In: SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel; SATO, Michèle. **Textos escolhidos em Educação Ambiental: de uma América à outra**. Québec: Lês Publications ERE-UQAN, 2002. Tomo I. p. 91-99.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

MARQUES, José Geraldo W. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, Maria Christina de Mello; MING, Lin Chau; SILVA, Sandra Pereira. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP, 2002, p. 31-46.

MARQUES, José Geraldo W. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. São Paulo: NUPAUB, 2001. 258p.

NORDI, Nivaldo et al. Etnoecologia, educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: SANTOS, José Eduardo; SATO, Michèle. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Paulo: RiMa, 2001, p. 133-144.

OLIVEIRA JÚNIOR, Samuel Borges de. **Educação Ambiental mediatizando os conhecimentos locais e universais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2005, 85f.

PEDROSO JÚNIOR, Nelson Novaes. **Etnoecologia e conservação em áreas naturais protegidas**: incorporando o saber local na manutenção do Parque Nacional do Superagui. São Carlos: 2002, 80 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar.

POSEY, Darrell A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987, p. 15-25.

SATO, Michèle. Biorregionalismo: a educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: FERRARO JUNIOR, Luiz A. (Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005, p. 39-46.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. BIORREGIONALISMO: Identidade Histórica e Caminhos para a Cidadania. In: SATO, Michèle (Coord.). **Sentidos Pantaneiros**: Movimentos do Projeto Mimoso. Cuiabá: KCM, 2002, p. 10-33.

SOUZA, Edlourdes Pontes et al. Classificação folk das aves da caatinga feita por comunidades rurais do município de Soledade-PB. In: O ser humano no ecossistema: conciliando o conhecimento tradicional com o uso sustentável da biodiversidade. Recife, 2002. **Anais...** p. 161.

TOLEDO, Victor M. **El juego de la supervivencia** – un manual para la investigacion etnoecologica en Latinoamerica. Califórnia: Berkeley, 1991.

Data de recebimento: 15/08/2008.

Data de aceite: 30/08/2008.